



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 5 de Abril de 1980 * Ano XXXVII — N.º 941 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Um cruzeiro da velha residência Joanina dos Patriarcas de Lisboa. Sem o sentido da Cruz não seria possível a vida dos padres da Rua.

A Semana Maior

Maior — porquê?

Na brevidade daqueles oito dias os homens contradisseram-se e Deus deu o definitivo sinal de Si.

Nem de oito dias precisaram os homens. Domingo aclamaram a Vida. Quinta e Sexta-feira reclamaram a morte. Novo Domingo e Deus proclama a vitória da Vida sobre a morte.

A vida é sempre Vida. Deus a fez. Deus a conserva. Aonde Ela, aí o sopro d'Ele. Ele é a Vida. Só Ele a tem. A morte é a interferência posta pelo homem a este sopro criador. Em definitivo, morre, somente, aquele que põe e quer a interferência.

Ao optarem pela morte d'O que é a Vida, os homens elegeram segunda vez a morte. Julgaram interferir de novo o sopro divino. Mas entre Deus e Deus que Se fez Homem, há uma vontade idêntica de Vida sobre a qual o homem não tem poder.

Deus aceitou a morte do

Homem que Se fez, para partilhar até ao fim a condição humana e romper a saída da morte para a Vida. Pois tendo-Se feito Homem para sempre, aniquilou a morte e retomou a Vida que Lhe pertence, a Vida que é.

Como Ele, todo o homem que não quer interferir o sopro divino e Lhe não põe definitiva interferência, viverá, não sem passar pela morte herdada da desobediência originante que Cristo experimentou e removeu e deixou possível de remoção a todo aquele

que quer a Vida e acredita na Sua vitória sobre a morte.

A Semana Maior recapitula, na brevidade dos seus dias, o drama do homem, pecador mas não necessariamente condenado, que Deus chamou e chama pelo Seu Cristo a converter-se, porque Lhe não quer a morte, mas que viva; porque o fez para viver; porque nada tem com a morte, criatura do homem em rebeldia à Sua vontade criadora e, em Cristo, manifestamente salvífica.

Cont. na 4.ª pág.

Calvário

Uma carrinha cor de sangue, muito buliçosa, desce a nossa avenida e estaciona no largo fronteiro à velha varanda de pilares graníticos.

De pasta na mão, dela saem, muito circunspectos, dois senhores. Procuram pelo «director». Apresento-me. Estendem as mãos e apresentam-se também. São dois fiscais da Caixa de Previdência. Vêm saber dos descontos que fazemos para a dita a que pertencem. E, com ar de curiosos, pedem os duplicados de todas as folhas de salários, desde setenta e cinco. Muito atentamente, tomam nota de tudo em folhas adequadas. A caneta regista números e mais números. À medida que escrevem, estes senhores vão desabafando, como que apanhados a profanar algo de muito sagrado:

— Mas esta Casa tem subsídio oficial?

Tenho que ser verdadeiro e dizer que não.

— Isto não pode ser — abanam a cabeça. — Temos de propor a isenção de descontos. Vocês não devem pagar. Uma Casa destas, cheia de doentes abandonados! Mas de que vivem?

— Da generosidade de muito boa gente que nos conhece, respeita e ajuda — remato eu.

O que fazemos está bem patente a todos quantos aqui vêm. Fins lucrativos não existem. Assistenciais sim. E para mais tentamos cobrir uma lacuna assistencial — a recolha do incurável sem família. Não seria favor nenhum que os serviços do Estado colaborassem mas, em vez disso, pedem-nos que paguemos para executar uma missão que devia ser sua. E, não contentes com o que Lhe damos, atrevem-se a duvidar das nossas contas, ou pelo menos actuando como se Lhes não merecendo total confiança.

Estive para Lhes contar uma saída da Isabel. Mas não. Guardei-a para aqui e deixei-os partir com a missão cumprida.

Continua na QUARTA página

AQUI LISBOA!

Aí que se nós, os pregadores do Evangelho, fizéssemos como dizemos e acreditássemos naquilo que ensinamos; se assim fosse, havíamos de fazer coisas mais prodigiosas do que o Mestre, que Ele assim nos prometeu!» (Pai Américo)

Foi a enterrar, há dias, em campa rasa, no cemitério de Cascais, o Padre Botelho, figura ímpar de Homem e de Sacerdote. Tendo tomado, à última hora, conhecimento do seu falecimento, ali nos deslocámos apressadamente, tendo ajudado a transportar à sua última morada, aos ombros, o corpo frio dum homem franzino que foi gigante entre nós e a quem muito ficamos a dever pelo exemplo da sua vida.

Conhecemos Padre Botelho há mais de 30 anos na Paróquia de Alcântara e nunca mais perdemos dele o contacto, mesmo quando se viu na necessidade de se retirar para a Patagónia. Tivemos, pois, ocasião de apreciar ao vivo as suas extraordinárias qualidades e de aceitarmos os seus naturais defeitos ou limitações, inerentes à condição humana. Com uma capacidade de trabalho e um espírito de sacrifício pouco comuns, Padre Botelho foi verdadeiramente um «enviado» que se procurou iden-

tificar plenamente com Quem o enviou. Dotado de uma Fé forte, que não conhecia barreiras; temperado por uma Esperança viva, mesmo nos momentos mais difíceis — Padre Adriano Botelho foi um autêntico Pai, que a todos amou, por força da sua missão e da vontade de Deus, nomeadamente pai dos mais fracos e desprotegidos. Simples como poucos, apagado até quase ao nada, foi um Amigo de todos, mesmo quando, por imperativo da Justiça ou da Verdade, era levado às posições mais extremas. Dar as mãos estava permanentemente nos seus propósitos. Que o digam aqueles que com ele lidaram de perto, das crianças aos adultos, dos sacerdotes às outras pessoas, dos doentes aos idosos, dos Pobres das barracas e lixeiras aos bem instalados na vida.

Munido de hábitos austeros, desde os alimentares às poucas horas de sono, Padre Botelho

Continua na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Acontece sermos abordados, directa ou indirectamente, para a resolução de carências de Pobres residentes noutras localidades — porque alheias ou omissas nos domínios da assistência paroquial.

Se os problemas são do foro do Seguro Social — a maior parte — fornecemos indicações ou encaminhamos logo os assuntos para os departamentos respectivos. Fora destes casos, porém, como é lógico, resistimos delicadamente, por uma razão muito forte de que o Pobre não tem culpa e é o prejudicado: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres». Assim procurou o nosso Pai Américo motivar os homens de boa vontade, sobretudo a partir dos quadros das comunidades de base.

Hoje, é evidente, graças à natural evolução ou melhoria dos direitos do Pobre a nível oficial, certas freguesias parecem (quase) desobrigadas de ter, no seu meio, ao menos um grupo de samaritanos organizados. Porque «não há Pobres» — dizem! A velha confusão entre Pobre e Misericórdia. Isto é, só entra pelos olhos dentro o Marginal! Todavia, pelo que a gente vê, o materialismo, o «burguesamento» retrairam ou diminuíram a consciência social, mais entregue à dialéctica.

A defesa do Pobre e Oprimido, a sua promoção social, é acção específica do vicentino. Por vocação, de forma organizada — em sentido de Igreja. Quem dera, pois, não houvesse paróquia — rica ou menos rica — sem Conferência Vicentina agregada à Sociedade de S. Vicente de Paulo, com raízes universais. Particularmente nos meios rurais, o vicentino tem muito com que se entreter, do ponto de vista moral e material. Não precisa criar ou inventar obras ou obrinhas especiais. Ele é, por natureza, um apoio domiciliário, pessoal — um Amigo.

A acção específica do vicentino não deixa de ser, porém, também uma obrigação moral, pessoal ou comunitária dos homens de boa vontade, particularmente dos cristãos. É que, onde há uma equipa de recoheiros dos Pobres organizada, os instalados vão ao ponto de, em casos banalíssimos, recusarem logo à partida a mão ao Pobre, ao amigo carenciado, despachando benemeritamente o caso prós vicentinos; fazendo deles — aí está o mal — como que funcionários da assistência pública!

Em conclusão: faz-se caso omissos do Sermão da Montanha, que deveria ser pedra angular, diríamos uma autêntica profissão de fé das comunidades de base.

PARTILHA — «Um casal amigo», de Algueirão, com 700\$00 «para um casal de velhinhos em memória de seus pais e irmãos». No Espelho da Moda: 100\$00 «por alma de Albertina e Joaquim», mais 100\$00 «por alma de Maria Castro».

Naugatuck (América do Norte):

«Vai esta pequena dádiva (10 dólares) como sacrifício da Quaresma. Que o Senhor o aceite pelas minhas intenções e alivie um pouco o sofrimento daqueles que nada têm quando chegam ao fim da vida. É o que mais me preocupa, também. Mas, felizmente, o Senhor tem-me dado saúde e com que viver — o que muito Lhe agradeço.»

Assinante 19177, do Porto, 100\$00 mais 100\$00. O costume do casal-assinante 17022. Helena, de Lisboa, 500\$00.

«Velha Amiga», do Porto:

«Estamos, em tempo de reflexão e de procura de caminhos que nos levem ao Pai.

A leitura do último O GAIATO foi para mim aquele impulso que me leva a ir até vós neste dia para partilhar do que tenho e que o Senhor me entregou com muita generosidade.

Daí que vos envio um cheque com uma quantia da qual dividireis mil para a Conferência.

Peço que vos lembreis de mim e das minhas intenções, que são principalmente os meus filhos e netos com tantas necessidades espirituais!»

«Uma nulidade», de Trás-os-Montes, com a presença habitual: 500\$00. Remessa muito oportuna da assinante 20616, de Alcobaça. Gavião, 300\$00. O dobro da Rua das Amoreiras, Lisboa. Assinante 6544, de Ovar, 200\$00. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

BENJAMINS — Uma frase dos nossos benjamins: — Ó «Té» tu podes com dois?

O «Té» é o sr. Padre Acílio. Ele chega das suas andanças e logo eles correm ao seu encontro. E como um vai pró colo, a pergunta sai como quem deseja. E os dois, nos braços, continuam a fazer a pergunta. E o «Té» responde afirmativamente, vingando canseiras e preocupações. São eles, estes pequeninos, que tanta vez quebram algemas dolorosas e refrescam e incitam a novas canseiras. A força que deles sai! Só por isto valeu a pena ir à rua buscá-los.

— Ó «Té» tu podes com dois? É o contentamento de ambas as partes.

FESTAS — As nossas Festas são uma realidade. Moreira, D. Ermeninda e Faia já tiraram os sapatos e arregaçaram as mangas. A malta tem feito serões, por via das aulas mais dos trabalhos. As nossas Festas são produto de muito esforço e privações. Não é fácil ser festeiro, cá em Casa, mas eles sentem a responsabilidade e vão para a frente. Os amigos vão adoçando a boca com estas notícias. Noutra altura daremos datas. Nós queríamos ir a muitos lados mas ambicionamos que em cada terra os amigos «preparam a casa», a exemplo das terras do Norte e Centro. Queiram levantar o dedo e

digam de sua justiça para entusiasmo de todos nós.

OBRAS — Como vão as nossas obras? Os estucadores já fizeram os tectos. «Ti Zé» tem andado daqui para ali a acudir ao mais preciso. Sr. Tomé vai acabando isto mais aquilo. Raimundo anda a pendurar portas e janelas. Enquanto isto, sr. Padre Acílio vai esgravatando por aqui e por ali, para que os materiais mais os salários não falem. Será a casa um. É nosso desejo inaugurá-la nas «Bodas de prata» da nossa Casa. Vai-se sentindo o aconchego dos quartos. A sala de convívio prima pelo seu fogão. Já se adivinha o seu calor, mais o ambiente à sua volta. Estamos à espera da resposta da I. M. A., onde fomos por madeira dos caixotes, para mais aconchego da sala.

Tudo vamos goalhando, tudo vamos preparando para que os sonhos deles sejam coloridos duma esperança a que têm direito.

Esquecia-me de dizer que existe ali um quarto reservado a uma presença feminina que queira deixar as redes e vir olhar por Ele.

VENDA DO JORNAL — Silvério é vendedor. Procura ser fiel ao mandato. É um pregoeiro de O GAIATO. Noutro dia fui dar com ele muito choro; Tinha perdido ou alguém tirara o produto da venda. Cheguei-me a ele e tentei chamá-lo à realidade. Mas o dinheiro faltava-lhe e não havia meio de calar as suas lágrimas. No refeitório o chefe inquiria da possibilidade do furto. As

tantas, julgando diminuir as lágrimas do Silvério, aumentei-as! No outro dia o dinheiro apareceu e ele veio radiante dar-me a boa nova. Eles sentem o bater da consciência e querem abrir o coração em busca da Verdade.

Ernesto Pinto

Paço de Sousa

FUTEBOL — Realizou-se no passado dia 9 um encontro de futebol entre a nossa equipa B e outra do Porto, onde jogam alguns iniciados do F. C. do Porto.

A partida desenrolou-se muito bem. As duas equipas apresentaram bom futebol e o resultado final foi de 9-5 para o nosso grupo. Os golos marcados pelos visitantes poderiam ter sido menos, se o nosso guardião «Spínola» não se tivesse atirado em falso para a bola, deixando entrar uns bons «frangos».

No dia 23 jogou a nossa equipa principal e ganhámos por 8-2.

Logo na primeira parte começámos a perder por 2-0. Aliás, os visitantes jogavam muito bem; e o resultado permaneceu até ao final dos 45 minutos iniciais. Na segunda parte começámos bem, marcando e empatando; mas o 2-2 não chegava. E a nossa equipa acabou por marcar mais 6 golos, quatro marcados pelo Miguel e outros tantos pelo ex-«Aspirina». Resultado final: 8-2 favorável ao Desportivo da Casa do Gaiato.

PING-PONG — No dia 22 houve um torneio de ping-pong, só para a malta da Casa, em despedida do Gomes, que casou no dia 30 de Março e cuja cerimónia se realizou em nossa Capela pelas 11,30 h, Missa celebrada por um dos nossos padres. A nossa comunidade deseja ao jovem casal as maiores felicidades. O Gomes ganhou o pequeno torneio de ping-pong, disputando a final com o «Rebuçados».

CONJUNTO — O nosso Conjunto, não tem actuado fora de Casa. É formado pelo Capela, Jaime, Godinho e Miguel, este último a trabalhar na Papobol.

Não temos, agora, organista.

O Conjunto actuou no casamento do Manuel Gomes com a Maria José; e, no dia 10 de Maio, irá fora. Para isso estão a ensaiar bastante, para que tudo corra bem.

PASCOA — Está a aproximar-se a Páscoa. Mais uma festa! No dia de Páscoa a nossa Comunidade junta-se para comemorar um dia em que deve haver alegria, união, paz, pensando em todos os outros seres humanos que nada têm para festejar este dia tão feliz; para poderem comprar as amêndoas, para poderem fazer uns bolos, para festejarem a Ressurreição do Senhor que sofreu bastante por todos nós — para nos salvar.

Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão de novos assinantes de O GAIATO continua em marcha. Há entusiasmo. Assim a modos de uma fogueira mais intensa por sopros de muita banda. Como as assozpradelas que o nosso Padre Carlos se propôs em igrejas e capelas do norte do País. Domingo passado, por exemplo, trouxe mais 62 novos leitores da igreja de Requesende (Porto)! É Lume que fica a arder. E que — Deus sabe — irá aquecer outras almas.

Uma carta do Alentejo — de Serpa — revela exactamente esta linha de rumo:

«Estou satisfeita por poder enviar mais um nome de uma assinante para O GAIATO.

É outra jovem professora, uma rapariga com qualidades apreciáveis, a quem pedi para ler — somente — três ou quatro livros da vossa Editorial.

Quando mos veio entregar disse que estava encantada e maravilhada e nunca julgou que pudesse realizar-se tanto para tantos Pobres.

Pedi-me que a considerassem assinante de O GAIATO.

É pessoa de confiança.»

Outra, muito pequenina, de Santo Tirso:

«É com a maior satisfação que comunico ter conseguido o primeiro assinante, depois de tantos esforços que tenho feito! Vou ver se, no futuro, terei mais sorte com os amigos que dão as suas razões... porque a vida está cara, etc.»

Mais outra, de Lisboa:

«Li O GAIATO que muito me entusiasmou. Vou fazer propaganda dele, a ver se consigo assinaturas pelos meus conhecimentos. Vivo com dificuldades, mas quero contribuir para a vossa Obra e, por isso, desejo ser assinante de O GAIATO. Deus há-de ajudar-me a propagar a vossa Obra.»

Agora, vamos incidir os nossos olhos no interesse dos mais velhos pelos mais novos; particularidade que está ganhando raízes entre os devotos da procissão.

Lisboa:

«Venho trazer dois assinantes do «Famoso» — uma assinatura para cada um dos meus filhos. Deixaram de ser praticantes, mas continuo a orgulhar-me da sua conduta. As

mulheres deles são boas raparigas, tratam-me com naturalidade, mas também, embora baptizadas, não são praticantes. Daqui o lembrar-me de lhes deixar as assinaturas como possível meio de o Senhor lhes bater de mansinho à porta e, também, para garantir à família as vossas notícias quando um dia a nossa assinatura se encerrar.»

Por fim, temos a multidão que passa em longo cortejo, sem estandartes nem bandeiras, sem ruído, mas d'alma cheia — já na posse de O GAIATO. São amigos de Águeda, S. João do Monte, Odivelas, Quinchães (Fafe), Rio de Moinhos (Penafiel), Amadora, S. Mamede de Infesta, Braga, Oliveira do Douro, Ermesinde, Ançã, Pombal, Loures, Valongo, Rio Tinto, Torres Vedras, Espinhal (Penela), Leiria, Monção, Ferreira do Zêzere, Montijo, Almeirim, Queluz, Aldeia de Santa Margarida, Vila das Aves, Gondomar, Nespereira (Guimarães), Porto já disse-mos, Lisboa com um bom grupo e, além mar, Fortaleza (Brasil) e Funchal (Ilha da Madeira).

Júlio Mendes

Carlos de Matos

EU SOU



O NAVE

— EU SOU o Nave. Quero ir
pró jornal...

Foi assim que nos abordou
espontaneamente. Palavra rá-
pida na boca!

— Quero ir pró jornal. Ten-
ho muito que contar...

É rapa, logo, de fotografia:
— Aqui tem.

Só na Casa do Gaiato!
Aprazámos diálogo. A hora
certa aparece com a mesma
desenvoltura!

— EU SOU o Nave, mas o
meu nome completo é Jorge
Manuel Duarte Alves Nave.
Nasci no dia 12 de Março de
1967, em Tomar. Tenho, por-
tanto, 13 anos.

A história deste rapaz é bem
marcada pela dureza da vida!

— Eu vim para a Casa do
Galato no dia 28 de Novem-
bro de 1979, às 13 e 15 h. da
tarde. Abalei de Lisboa às 5 ho-
ras da manhã, sempre a andar,
no carro da minha patroa.

— Porque razão viestes para
a nossa Obra?

Baixa a testa. Medita um
pouco. E abre o livro, que hou-
ve de amenizar, pois a dor
é latente em sua alma de crian-
ça.

— Minha mãe faleceu, há
três anos e dez meses, de uma
nascida dentro da barriga.
Doença muito má! A gente vi-
vamos numa barraca, no Al-
gaz, em Tomar. A parede caiu
e chovia lá dentro... Antes de
falecer, meteu-me a mim e ao
meu irmão em casa da minha
tia. As duas irmãs: a mais ve-
lha foi para a casa duma vizin-
ha, a mais nova para os pa-
drinhos.

— O teu pai?

— Acarreta sacos de 50 qui-
los de farinha numa carroça,
da estação pró armazém. Mo-
ra lá na barraca... Eu fui, de-
pois, com os meus tios pró
Cacém.

Ganha fôlego. E desabafa:

— Lá, no Cacém, a minha
tia obrigava-me a ir às calxo-
tes do lixo. Andava lá tantas
vezes que as vizinhas olharam
pra mim e meteram-me a tra-
balhar num restaurante. A mi-
nha tia concordou porque jul-
gava que eles precisavam de

mim... E não. Mesmo assim, à
noite, batia-me muito.

— Além do acolhimento,
para fugires àquele inferno
durante o dia, recebias uma
retribuição?

— Ganhava 500\$00 por mês.
Até que, um dia, um cliente
deu-me 50\$00 para cortar o
cabelo. A noite, chego a casa
e os meus tios — sem eu sa-
ber porquê! — dão-me uma
valente sova. Puseram-me todo
negro. No dia seguinte fui para
o trabalho todo pisado. Nem
podia atender os clientes, por-
que se não todos me pergun-
tavam o que foi isto...

— E depois?

— A minha patroa iria à
Guarda, mas já lá tinha ido
uma vizinha... Vieram buscar-
me. Contei tudo. Mandaram
uma contra-fé aos meus tios.
Lá fomos. A Guarda disse-lhes
que não me batassem mais.
Mas ao fim de três dias arre-
bentaram-me os lábios! Fui no-
vamente ouvido. O papel se-
guiu para o Tribunal de Me-
nores... Mas a patroa já tinha
lugar pra onde eu ir: a Casa
do Gaiato. O meu pai assinou;
tratou-se dos papéis da Escola,
que eu tinha feito a 4.ª classe
há uns tempos... Ela não me
quis dar a roupa melhor! Se
não viesse para a Casa do
Galato era presa — disse um
homem do Tribunal.

— Qual o motivo das so-
vas?

— As gorjetas. Quando os
clientes não davam gorjetas
batiam-me. Que eu as gastava
em coisas doces! Mas não pre-
cisava, que no restaurante ti-
nha tudo o que queria. Obrigá-
vam-me a levantar às 6 h da
manhã para limpar os galinhei-
ros até às 8,30 h, antes de se-
guir pró restaurante. A noite,
se chegasse depois das 20,30 h
já não me abriam a porta...

— E agora?

— Estou na Casa do Galato.
Gosto de cá estar. Já escrevi
seis cartas a agradecer às vi-
zinhas, patrões, colegas de
trabalho, etc. Mandaram dois
caixotes de doces!

— Ainda tens bons amigos...

— Levei maus tratos! Os
meus tios até disseram ao
meu pai que eu era falso! Mas
falou com os patrões e ficou
a saber a verdade. Não quero
que outros sofram o mesmo
que eu sofri. Novos e velhos...
Andávamos pelas lixeiras...
Agora, a vida na Casa do Gala-
to vai fazer esquecer o passa-
do. Mas, claro, gosto de desa-
bafar...

— Frequentas a Telescola...

— No 1.º ano e com bom
aproveitamento, apesar de só
ter entrado no 2.º período.

— Qual a disciplina mais do
teu agrado?

— O Português. É a nossa
Língua. Se a gente não sabe
escrever e falar bem, ninguém
nos entende...

Curioso: Enquanto rabisca-
mos o diálogo, Nave dá opi-
niões: — «Não escreva assim,
mas assim»...

— Opinião sobre a Telesco-
la?

— Gosto! As imagens ajuda-
m a compreender melhor as
lições.

— Como supunhas fosse a
nossa Casa? —

PELA DIGNIFICAÇÃO DA CRIANÇA

As torturas sofridas pelo
Jorge Nave, quando andava
por lá — referidas noutra lo-
cal — sugerem a publicação
de algumas estimativas divul-
gadas pela comissão organiza-
dora do Ano Internacional da
Criança.

Na Europa ocidental oito por
cento das crianças sofrem maus
tratos psicológicos e dois por
cento maus tratos físicos. A
diferença entre «maus tratos»
não tem grande relevância,
pois quase todas acabam por
sofrer perturbações físicas e
psíquicas.

Este problema só recente-
mente tem merecido a atenção
dos mass media e das entida-
des responsáveis.

No conceito de instâncias
internacionais, «maus tratos»
são «actos intencionais ou
omissões que prejudiquem a
criança ou ponham em perigo
o seu desenvolvimento físico
ou psicológico normal». Mas
as leis de vários países tradu-
zem dificuldades na definição
e avaliação do que prejudica
o desenvolvimento das crian-
ças. No caso português, por

exemplo, é omissa quanto à
violência exercida especifica-
mente contra elas, ainda que
o novo Código Civil já intro-
duza um princípio da sua di-
gnificação: os filhos devem ser
ouvidos sobre importantes as-
suntos da família, evidencian-
do o legislador, pela primeira
vez, o propósito de atender ou
tratar a criança como «sujeito».

A maioria das maltratadas
— segundo a comissão organi-
zadora do A. I. C. — tem me-
nos de cinco anos e sofrem
violências d'ordem física, emo-
cional, psicológica e sexual.
Muitas vezes os maus tratos
são devidos a negligências e
falta de afecto. É difícil avaliar
o número exacto de torturadas,
pois a maioria dos casos não
transpira do meio familiar e,
normalmente, a criança não
tem a quem (nem hipótese de)
se queixar.

Há crianças maltratadas em
todos os estratos sociais, nos
meios rurais e urbanos. Em
um estudo realizado no Cana-
dá, mais de cinquenta por ce-
nto das famílias que usam a

tortura são pobres e os pais
vivem no sub-emprego.

Os dois grandes motivos que
provocam os maus tratos infli-
gidos são a falta de «simpatia»
e a incapacidade de enfrentar
as tensões.

Muitas pessoas, vítimas de
abusos ou negligências, adop-
tam comportamento idêntico
com os filhos; sendo vulgar
os pais exigirem o que eles
mesmos não conseguiram rea-
lizar, punindo os filhos para
aliviarem sentimentos de frus-
tração, reforçada pela organi-
zação social, em seu esquema
de valores (económicos, so-
ciais e culturais). Outros «des-
carregam» sobre os filhos os
problemas e tensões da pró-
pria vida: o desemprego, o
sub-emprego, as carências ha-
bitacionais, o isolamento — a
miséria.

Finalmente, há já um certo
consenso de que a defesa da
integridade física e psicológica
das crianças — como não po-
dia deixar de ser — precisa
de um adequado auxílio às
suas famílias.

Júlio Mendes

VIDA NOVA

Nota da Redacção — O te-
ma é actual e nosso. Como
Pai Américo amava a Natureza
e apreciava o acto sóbrio, hu-
milde, dos homens que a re-
valorizavam, pondo o mínimo
da sua mão para colher o má-
ximo que Deus tem para nos
dar em tudo o que criou para

o Homem! Tanto que até foi
olhado, a princípio com um
pouco de suspeita, como na-
turalista, ele que foi um atleta
do Sobrenatural!

Tema nosso e actual. A ci-
vilização tem os seus riscos.
O progresso sem barreiras co-
meça a assustar os responsá-
veis. A poluição não é assunto
de somenos nos dias de hoje.

Folgo, pois, que um exercício
na Telescola tenha abordado
esta matéria e proporcionado
a um dos nossos esta redacção
singela mas cheia de encanto,
qual parábola bem oportuna no
tempo que vivemos. Por isso
ela aí vai:

«Certo dia, já em fins de
Inverno, estava D. Flor de pé-
tala caída e de caule quase
seco à beira de um riacho.
Teria ela sede?... Não, não po-
dia ser, porque ali passava um
rio.

Oh! mas também vem ali o
sr. Peixe de escamas negras!
Parece estar doente.

Tudo isto era um pouco es-
tranho!

Travou-se então uma conver-
sa entre os dois:

— Oh! que desgraça a minha!
— lamentava o sr. Peixe.

— Imagine que depois de ter
vivido quase a minha vida to-
da neste rio vou ter que o
abandonar por causa da polui-
ção.

— A desgraça não é só sua
— exclama D. Flor, quase sem
forças. — Também eu estou
cheia de sede, tenho poucos
minutos de vida.

Foi então que entendi tudo:
o rio estava cheio de lixo de-
vido aos detritos que uma fá-
brica deitava para lá e a um
esgoto que para ali vasava.

Eu não podia presenciar
aquela cena que me chocava
muito. E logo, com todo o cui-
dado, arranquei a flor, apanhei
o peixe e levei-os para casa.
Meti o peixe num tanque de
água limpa e a flor num jar-
dim ao lado do tanque. Ali
se foram desenvolvendo até
poderem sentir-se em condi-
ções de tornarem a conversar.

Agora têm uma vida nova.
Só a velhice os poderá matar
quando Deus quiser.

Zaco»

Júlio Mendes



FESTAS

De Lisboa, os nossos da Casa do Tojal foram os primeiros a movimentar-se e a anunciar a sua Festa no Monumental. Começaram cedo e com coragem, sinal de que irá ser uma grande festa.

Agora são os do Centro. Miranda do Corvo, com os estudantes em Coimbra, esperaram e só agora começaram a arrancar: Andam em agitação e não podem perder tempo, pois a primeira em Miranda do Corvo está marcada para a tarde de domingo 27 de Abril e Coimbra para 1 de Maio à tarde e à noite.

Enquanto os mais responsáveis se reúnem e planeiam, os mais pequenitos dependuram-se nas janelas e espreitam pelas portas a dar sinal de que também querem tomar parte.

Queríamos este ano ficar sem a nossa sempre tão encantadora jornada de Festas, para arrumarmos um pouco a nossa vida. Mas, os recados, as conversas, os telefonemas, as cartas e muitos dos nossos não nos deixam e temos de nos agarrar. As nossas Festas começaram a ser um manjar delicioso e os seus participantes já não passam sem elas.

Temos pois de fazer Festas. Atenção às que já estão marcadas:

Dia 27 de Abril, às 17.30 — Salão dos Bombeiros — MIRANDA DO CORVO

Dia 1 de Maio, às 15.30 e 21.30 — Teatro Avenida — COIMBRA

Dia 11 de Maio, às 11 h — Cinema Monumental — LISBOA

Padre Horácio

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

foi um desprendido das honrarias e dos bens deste mundo. A quem lhe chamava Monseñor logo corrigia: padre. Pelos tugúrios e furnas da zona de Alcântara tivemos ensejo de encontrar viva, embora discreta, a sua presença solícita e, não raro, escasseava-lhe o dinheiro para pagar os remédios que, com um visto seu, eram aviados para os doentes pobres, numa farmácia da zona. E dum caso, sabemos nós, que foi de carro (objecto que só tarde teve e após o uso por muitos anos de uma lambreta) buscar para alguém a Espanha um remédio não existente em Portugal.

Padre Botelho foi um pregador do Evangelho que fez como disse e acreditou no que ensinou. A sua vida, até pela sua compreensão do amor à Cruz, foi exemplo. O beijo depositado na sua fronte fria, vencendo barreiras do humano que há em nós, representou, como estas despreziosas palavras representam, o preito de uma gratidão irreprimível e de uma homenagem sincera. Há vidas que têm sabor a Divino e são-no, de facto.

«Vós sois a luz do mundo», disse o Mestre. Padre Botelho foi-o até ao fim, sem queixas nem azedumes, antes arrostando com as dificuldades ou os problemas com um sorriso nos lábios. Até sempre, Padre Botelho!

● Lemos que vai generalizar-se o abono de família, considerado como direito da Criança. Idem, em relação ao estabelecimento de um complemento familiar às mães de família que optem por ficar em casa com os filhos e exercer, assim, a sua missão educadora. Haja gente!

A família defende-se, apoiando-a. Criar-lhe condições materiais e morais, dizíamos há uma quinzena, é uma obrigação dos responsáveis deste País. De palavras e de demagogias estamos todos fartos. Surjam os actos que, se não são para agradecer, devem, contudo, ser registados.

● Uma sociedade só se pode considerar democrática e de

direito se as leis forem acatadas e os direitos e os deveres dos cidadãos forem respeitados e assumidos. Imperando a libertinagem, não havendo consideração pelas pessoas e pelos seus bens, reinará a anarquia. Podem multiplicar-se as vozeiras e os «slogans», que as realidades falarão por si.

A Autoridade tem de ser justa e isenta; mas tem, todavia, de ser temperada pela fortaleza. E Autoridade que não se faz respeitar deixa de o ser, porque demitida ou destruída.

Os crimes sucedem-se. Os assaltos e os roubos são uma constante do nosso dia-a-dia. Há zonas ou regiões em que não se pode circular, pelo menos a certas horas. Destroí-se ou delapida-se o património público ou particular impunemente. Será isto democracia? Vem tudo isto a propósito

do que acontece a todas as horas e que nem sempre os jornais noticiam. Por exemplo, já há anos que selvagens, é o termo, arrombam portas, partem vidros e danificam as grelhas da nossa Casa da praia. Fomos lá há dias. Que tristeza e que revolta! Que fazer? Não vale a pena apresentar queixa a ninguém.

Queremos uma sociedade livre, democrática, onde vigore, consequentemente, um Estado de Direito. Mas de facto, que de palavras leva-as o vento... Quem nos acode?

● FESTA — Serve a presente nota para anunciar que, quando este número de O GAIATO chegar às mãos dos Leitores, os bilhetes estarão à venda nos locais do costume: Secretaria do Montepio Geral, Rua do Carmo, 62-2.º; Franco Gravador, Rua da Victória, 40; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13; Maison Louvre, Rossio, 106.

Padre Luiz

Calvário

Continuação da PRIMEIRA página

A Isabel é uma rapariga mongólica, que pouco e pouco vai desabrochando da terra inculta que era o seu viver antes de vir para o Calvário. Quase partiu do nada o seu agir de hoje. Vinha sem a menor noção de coisas elementares, como o comer por si, o vestir-se, o falar. Hoje, com muita eficiência, ajuda em diversas circunstâncias. Uma delas é a refeição dos acamados. A Isabel transporta a comida em marmitas e depois colabora na distribuição daquela. E, acabado o repasto dos doentes, reconduz os utensílios para o local de lavagem. Mas quase sempre, ao pegar neles, vai com o dedo e rapa das panelas. É gulodice que as companheiras reprovam vezes sem conta. Mas a emenda não vem. Outro dia, chegou-se junto do nosso médico e, com espanto deste, faz-lhe um pedido:

— Senhor doutor, a Isabel quer um remédio para não rapar mais o tacho com o dedo.

A Isabel é uma criança. Brinca o dia todo, a vida toda. Trabalha sempre a brincar. No entanto, começa a distinguir o que não é bem. Sabe que lhe é difícil a conquista da vitória sobre o mal feito. Quer emendar-se. Só não é capaz. Por isso, pede ajuda. E ingenuamente supõe-a na medicina.

Os inocentes dão cartas ao mundo dos sábios, dos orgulhosos, que nem sempre dão pela existência do mal nas suas vidas.

Os organismos oficiais não se dão conta de que não nos ajudam a alimentar estes doentes, mas vêm com toda a importância e autoridade rapar o tacho das nossas economias. E mais: vêm conferir, nos duplicados que guardamos, se aquele está bem rapado ou não.

Se o médico que nos assiste, me arranjassem um remédio para este mal, enviá-lo-ia aos referidos senhores da Capital para que deixassem de vez de rapar o nosso tacho e viessem antes ajudar a enchê-lo, para que o alimento destes doentes fosse mais saboroso ainda.

A Isabel dá uma lição. Quem dera que ela seja aprendida e não andem alguns a rapar o pouco que resta na vida de tantos.

Padre Baptista

A Semana Maior

Cont. da 1.ª página

«Quem poderá subir à montanha do Senhor?

Quem habitará no Seu Santuário?»

O salmista responde à pergunta que irrompe da sua humanidade aflita com a palavra inspirada:

«O que tem as mãos inocentes e o coração puro;

Quem não invocou o Seu nome em vão

Nem jurou falso.»

As mãos tornam-se inocentes e o coração puro mediante luta decidida, em esforço nunca acabado, que levarão o homem pela agonia do Horto e pela humilhação da Cruz ao direito da Ressurreição.

Domingo de Ramos, são as crianças hebreias, ainda de coração puro e mãos inocentes, quem canta o triunfo da Vida patente em Jesus Cristo, quem faz a apoteose real da Sua vida passada a fazer o Bem.

Segunda a Quinta são os

dias do homem que cresceu e deixou contaminar o coração e manchar de culpa as suas mãos. Reconheça e aceite a oportunidade redentora do resto de Quinta e Sexta-feira. «Saiba morrer o que viver não soube.»

E reviverá para sempre, com Cristo, na madrugada do novo Domingo, «o Dia que o Senhor fez para que nos alegremos e regozijemos eternamente».

Padre Carlos



Gaiato

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.700 exemplares